Dia 18 — Santo Apolônio, Senador de Roma, e Mártir

A mudança que sucedeu no império no ano de 180 com a morte do imperador Marco Aurélio causou outra igualmente grande no estado da cristandade. Haviam padecido os cristãos no tempo deste príncipe uma perseguição quase contínua, ainda depois do decreto que expediu em seu favor no ano 174, depois da batalha que ganhou aos alemães, confessando havê-la devido às orações dos cristãos e mandando, sob pena da vida, que ninguém os acusasse por causa de religião. Contudo foram cruelmente perseguidos no tempo de seu reinado, seja pela malignidade dos filósofos gentios que se consumiam de raiva vendo-se confundidos pela pureza de costumes dos cristãos e por suas sábias apologias; seja pela cega adesão que o mesmo príncipe professava às superstições do gentilismo; seja, enfim, porque, movido de uma desacertada política, quis deixar em seu vigor todas as leis que seus predecessores haviam publicado contra os cristãos.

O imperador Cômodo, seu filho, que lhe sucedeu no império, não imitou nem as virtudes morais que se quer supor adornavam a seu pai, nem aquela aversão ao cristianismo que lhe inspirava seu gênio filosófico e supersticioso; e assim deixou viver em paz os cristãos, contribuindo esta calma, depois de tantas tempestades, para que se propagasse mais o reino de Jesus Cristo. Em todas as partes frutificava a semente do Evangelho; em todas triunfava a verdade dos erros e da impiedade do paganismo; e particularmente na cidade de Roma, pela solicitude e zelo do santo papa Eleutério, cada dia se viam muitas nobres, ricas e distintas famílias dar o nome à sagrada milícia e apresentar-se para receber o santo batismo buscando nele a salvação.

Entre as pessoas de qualidade que entraram por aquele tempo no seio da santa Igreja, uma das mais consideráveis e das mais distinguidas por seu nascimento, por seus talentos e pelo elevado posto que ocupava na república foi Santo Apolônio. Era senador romano, de casa ilustre, mas mais recomendável ainda por seu mérito pessoal. Geralmente era tido por um dos ministros mais sábios e mais eloquentes do senado; e o amor que professava às letras humanas e à filosofia haviam-lhe granjeado o universal conceito de um dos mais belos e mais cultivados engenhos de seu tempo. As frequentes conversações que teve com São Eleutério, e provavelmente também com São Luciano, naquele intervalo de tranquilidade, e o estudo particular que fez de nossa religião nos livros sagrados desenganaram-no de seus erros: chorou amargamente o largo tempo que havia vivido sepultado nas trevas da idolatria; teve horror de sua cegueira; e, rendendo-se finalmente aos fortes impulsos da graça, abriu os olhos às luzes da fé, sujeitou-se à lei de Jesus Cristo e recebeu o santo batismo.

Não é fácil explicar o gozo de todos os fiéis quando viram no número dos discípulos de Cristo um senador de Roma, e senador de tão grande mérito; mas muito menos se podem explicar as vantagens que se seguiram a toda a Igreja desta ilustre conversão. Em pouco tempo nosso

senador recém-cristão foi prodígio de virtude, modelo de perfeição e um dos primeiros apologistas do cristianismo.

Não podendo sofrer o demônio, diz Eusébio, a paz que gozava a Igreja nem o grande número de pessoas ilustres que o exemplo e o zelo de Apolônio tiravam cada dia da cegueira e do erro, empregou para vingar-se toda a sua força e todo o seu artifício. Incitou um miserável escravo chamado Severo, segundo diz São Jerônimo, para que, sem atender ao decreto que se havia publicado contra os denunciadores dos cristãos, acusasse o senador Apolônio de que se havia feito um deles, renunciando à religião de seus pais.

O prefeito do pretório, chamado Perênio, antes de tudo condenou à morte o miserável acusador, que naquele mesmo dia expirou no tormento do aspa; depois exortou fortemente Santo Apolônio a que deixasse a religião cristã e não quisesse perder com a fortuna a vida; mas, vendo-o imóvel na fé, ordenou-lhe que desse conta de sua religião diante do senado, de cujo corpo era um dos principais membros.

Como Apolônio, depois de sua conversão, havia feito seu principal estudo nos livros da religião, eram tão grandes seus progressos nesta ciência divina e havia-se feito nela tão sábio que não teve dificuldade São Jerônimo em colocá-lo em segundo lugar entre os padres da Igreja latina.

Não se pode dizer a alegria que teve nosso santo quando se viu na obrigação de dar uma justa ideia do que era nossa religião ao tempo de dar razão de sua fé em presença de um corpo tão escolhido e tão célebre. Compôs uma formosa e sábia apologia em que, descobrindo à mais clara luz a verdade e a santidade da religião cristã, destruía todas as calúnias que até ali se haviam inventado para desacreditar os cristãos e fazia palpáveis o ridículo, as infâmias e as absurdas impiedades do paganismo.

Pronunciou Apolônio esta defesa em senado pleno com tanta eloquência e eficácia que os ânimos mais encarniçados e mais declaradamente inimigos do nome cristão ficaram como cortados e mudos. Foi sem dúvida um grande dia para a glória da religião; e já iam todos render-se à força da verdade que aquele herói cristão acabava de fazer triunfar no meio do senado de Roma quando o prefeito do pretório, advertindo a impressão que havia feito nos ânimos o discurso de nosso santo e temendo que os aplausos e as aclamações com que o celebravam não tivessem consequências contrárias às leis do império, representou-lhe que, segundo elas, não podia ser absolvido nenhum cristão quando fosse judicialmente acusado se persistia na fé de Jesus Cristo; e que assim o exortava a que olhasse por sua honra e por sua vida, renunciando à fé, para cuja deliberação somente lhe concedia algumas horas de tempo.

Não ignorava Apolônio a lei que o imperador Marco Aurélio havia deixado em seu vigor, ainda quando promulgou a outra que parecia contrária, de que fossem condenados à morte todos os denunciadores dos cristãos; e assim respondeu ao prefeito que se admirava muito de que tivesse alento para exortá-lo a que mudasse de religião, quando pelo discurso que acabava de ouvir podia conhecer o conceito que formava da religião cristã; que não o ameaçasse com o martírio, porque lhe fazia saber que esse era o objeto de suas ânsias havia muito tempo, não podendo lograr nem maior honra nem maior dita que derramar seu sangue pela religião cuja apologia acabava de pronunciar; e que assim a ele como ao senado os exortava a que olhassem por sua salvação e a

que, deixando as impiedades e as extravagâncias dos gentios, abraçassem a religião cristã.

Admirou o prefeito Perênio sua constância e sua tranquilidade, mas fez pouco caso de seus salutares conselhos; e, persistindo Apolônio na confissão da fé, foi condenado por sentença do senado a que lhe cortassem a cabeça; sendo este ilustre defensor da fé o primeiro que ilustrou a dignidade de senador de Roma com a coroa do martírio no dia 18 de abril do ano 189.

Desde então foi singular a veneração que se teve em toda a Igreja de Deus a Santo Apolônio. Suas preciosas relíquias conservam-se em muitas partes do orbe cristão. Os padres carmelitas de Évora, em Portugal, conservam a cabeça; os jesuítas de Antuérpia veneram um grande osso; e o restante de suas relíquias se adora na igreja de São Francisco de Bolonha, na Itália, aonde foram conduzidas desde Roma no ano de 1622 [^1], no pontificado de Gregório XV.

Santo Eleutério, Bispo e Mártir

Santo Eleutério, um dos ilustres mártires de Jesus Cristo que floresceram nos primeiros séculos da Igreja, a quem celebram os escritores por um dos prodígios do valor cristão no tempo das perseguições gentílicas, nasceu na cidade de Roma no fim do primeiro século.

Sua mãe, Ântia, uma das matronas ilustres do senado, ilustrada com a luz do Evangelho, educou Eleutério desde seus mais tenros anos nas infalíveis verdades da fé ortodoxa e procurou imprimir em sua alma, como em branda cera, os altos ditames da religião cristã, cujas piedosas máximas seguiu sempre o menino, arranjando seus costumes conforme ao espírito da lei santa de Deus. Ofereceu-o em sua puerícia ao sumo pontífice Anacleto com o fim de que o incorporasse no clero da Igreja de Roma; e, para que com mais liberdade que a que gozavam então os fiéis naquela cidade pudesse instruir-se na literatura, enviou-o a Ecana, onde então florescia o bispo Dinâmio, varão esclarecido em santidade e sabedoria, sob cujo magistério fez o santo jovem admiráveis progressos nas ciências e em nada inferiores nas virtudes.

O ardente zelo que mostrava Eleutério pela religião de Jesus Cristo e a grandeza de espírito com que rebatia os erros adotados na idolatria, sem temor do poder dos gentios, moveram Dinâmio a ordená-lo de sacerdote pela ordem prescrita nos sagrados cânones, bem persuadido da utilidade que resultaria à Igreja da criação de um ministro que manifestava tanto interesse em dilatar o reino de Jesus Cristo, cuja verdadeira doutrina comprovava com repetidos prodígios.

Em atenção aos relevantes méritos de Eleutério e aos notórios serviços que havia prestado à Igreja, foi promovido à dignidade episcopal, ainda que não nos consta com certeza a igreja de seu destino. A diversidade de opiniões sobre a sé que ocupou este eminente prelado obriga-nos a seguir nesta parte as prudentes conjeturas dos mais escrupulosos críticos, que, atendo-se a elas, dizem que, havendo-o enviado a Roma Dinâmio com o fim de que se dignasse o papa elegê-lo por coadjutor seu, atendido que então os ilírios pediam bispo para a cidade de Aquileia, consagraram-no para aquela cátedra.

Quando se trasladava Eleutério a sua sé, acompanhado de alguns romanos e ilírios, foi preso pelos gentios no caminho e apresentado ao imperador Adriano, que então havia passado do Oriente a Roma. Noticioso este dos progressos que o santo fazia na religião, convertendo-se muitos gentios por força de seus prodígios, logo que o teve a sua presença começou a repreendê-lo como, sendo descendente da ilustre prosápia dos senadores romanos, se havia deixado enganar de uma seita que tinha por Deus um homem crucificado e, abominando seu proceder, ofereceu-lhe vantajosos partidos no caso de que, reconhecendo seu erro, tributasse adoração aos deuses do Império. Desprezou Eleutério com generosidade as proposições do imperador; pregou com valentia as infalíveis verdades da fé de Jesus Cristo e com não menor valor reclamou contra as superstições da idolatria, fazendo com seus sábios discursos demonstração de suas necedades: do que irritado Adriano, apelou aos tormentos mais cruéis para rendê-lo.

Ainda que os escritores não convêm na relação circunstanciada das atas de sua paixão, todos asseguram que provou o tirano sua constância com vários gêneros de requintados tormentos; como foram mandá-lo pôr sobre umas grelhas de ferro feitas brasas e arrojá-lo depois a um forno aceso; e, como triunfasse Eleutério, sustentado de Deus, de tão desumanas crueldades, ordenou que, amarrado às caudas de quatro cavalos indômitos, fosse esquartejado com este castigo. Saiu o santo vitorioso desta bárbara invenção como das antecedentes; e, não podendo Adriano sofrer por mais tempo o invencível valor daquele herói cristão, que lhe servia da maior confusão, acreditando seu nenhum poder e o de seus falsos deuses, mandou decapitá-lo por último recurso, logrando por este meio nosso santo a coroa do martírio em princípios do século II da era cristã.

Sua mãe, Ântia, que, como a dos Macabeus, animava seu filho a padecer em defesa da lei, apenas expirou, arrojou-se cheia de gozo sobre seu corpo, a prestar-lhe com sinais sensíveis a veneração devida; por cujo heroico ato mandou Adriano que fosse degolada. Recolheram os fiéis seus veneráveis cadáveres e deram-lhes sepultura no campo de Roma; e, levantados do primeiro sepulcro logo que gozou de paz a Igreja, achando-se presente ao ato o bispo Reatino, elegeu Santo Eleutério por padroeiro de sua Igreja, havendo conseguido grande porção de suas relíquias, das quais se trasladou uma parte a Constantinopla.

Martirológio Romano

Em Roma, Santo Apolônio, senador, o qual, no tempo do imperador Cômodo e do prefeito Perênio, foi delatado como cristão por um de seus escravos; e, obrigado a dar conta de sua fé, compôs um excelente livro que leu em pleno senado, o que não foi bastante para que esta assembleia deixasse de condená-lo a perder a cabeça.

Em Messina, o trânsito dos santos mártires Eleutério, bispo na Ilíria, e Ântia, sua mãe. Este prelado, que se havia feito célebre pela santidade de vida e milagres, foi, no tempo do imperador Adriano, deitado numa cama de ferro ardendo; logo posto ao fogo numas grelhas; dali arrojado numa caldeira cheia de azeite, de piche e de resina fervendo e em seguida exposto aos leões; mas, como de tudo isto saísse sem lesão alguma, foi degolado com sua mãe.

Ali mesmo, São Corebo, prefeito, que, havendo sido convertido por Santo Eleutério, pereceu pela espada.

Em Bréscia, São Calócero, mártir, o qual, atraído ao conhecimento de Jesus Cristo pelos santos Faustino e Jovita, perseverou animosamente em confessar seu nome até a morte que sofreu no tempo do mesmo imperador Adriano.

Em Córdova, São Perfeito, presbítero e mártir, morto pelos mouros porque pregava contra a seita de Maomé.

Em Milão, São Galdino, cardeal e bispo desta cidade, que entregou sua alma a Deus acabando de pregar um sermão contra os hereges.

Na Toscana, no monte Senário, o bem-aventurado Amadeu [^2], confessor, um dos fundadores da ordem dos servitas, distinguido por seu ardente amor a Deus.

Em Pontoise, na França, o trânsito da bem-aventurada Maria da Encarnação, carmelita descalça e fundadora desta ordem no reino, mulher de uma paciência invencível em tempos muito difíceis e fiel imitadora de Jesus Cristo e seus discípulos. Depois de haver vivido muito santamente no século, retirou-se a um mosteiro, onde por humildade fez profissão de irmã leiga; e, havendo passado quatro anos na prática da mais alta perfeição, rica em méritos e esclarecida em milagres, dormiu o sono do Senhor.

Missa (oração)

A missa é do comum de um mártir, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Præsta, quæsumus, omnipotens Deus, ut qui beati Apollonii martyris tui natalitia colimus, intercessione ejus in tui nominis amore roboremur. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Rogamos-vos, ó Deus onipotente, que sejamos fortalecidos no amor de vosso nome, por intercessão de vosso bem-aventurado mártir Apolônio, nós que celebramos seu feliz nascimento para a vida eterna. Por nosso Senhor Jesus Cristo.

Epístola

A epístola é da primeira do apóstolo São Pedro, capítulo 4.

1 Pedro 4,13-19

> **Latim:** [13] sed communicantes Christi passionibus gaudete, ut et in revelatione gloriæ ejus gaudeatis exsultantes. [14] Si exprobramini in nomine Christi, beati eritis : quoniam quod est honoris, gloriæ, et virtutis Dei, et qui est ejus Spiritus, super vos requiescit. [15] Nemo autem vestrum patiatur ut homicida, aut fur, aut maledicus, aut alienorum appetitor. [16] Si autem ut christianus, non erubescat : glorificet autem Deum in isto nomine : [17] quoniam tempus est ut incipiat judicium a domo Dei. Si autem primum a nobis, quis finis eorum, qui non credunt Dei Evangelio ? [18] et si justus vix salvabitur, impius et peccator ubi parebunt ? [19] Itaque et hi, qui patiuntur secundum voluntatem Dei, fideli Creatori commendent animas suas in benefactis.

Português: [13] mas folgai de serdes participantes das penalidades de Christo, para que folgueis tambem com júbilo na apparição da sua gloria. [14] Se sois vituperados pelo nome de Christo, bemaventurados sereis: porque o que ha de honra, de gloria, e de virtude de Deos, e o espírito que he d'elle, repousa sobre vós. [15] Porém nenhum de vós padeça como homicida, ou ladrão, ou maldizente, ou cubiçador do alheiro. [16] Se elle porém padece como Christiano, não se envergonhe: mas glorifique a Deos neste nome: [17] porque he tempo que principie o juizo pela casa de Deos. E se primeiro começa por nós: qual será o paradeiro d'aquelles, que não crem no evangelho de Deos? [18] E se o justo apenas se salvará, o ímpio e o peccador onde comparecerá? [19] Assim que tambem aquelles, que soffrem segundo a vontade de Deos, encommendem as suas almas ao seu fiel Creador, fazendo boas obras.

Nota

«Achando-se São Pedro em Roma, escreveu esta sua primeira carta aos fiéis que viviam entre os gentios, singularmente aos judeus convertidos, para confirmá-los na fé. O mais verossímil é que a escreveu em língua grega; mas o ano preciso em que se escreveu não se sabe.»

Reflexões

Alegrai-vos de comunicar e de ter parte nos trabalhos de Jesus Cristo. Não há que admirar-se de que todos os santos tenham sido tão amantes dos trabalhos; Jesus Cristo os enobreceu padecendo por nós e quis, digamo-lo assim, que todos os nossos trabalhos fossem seus. Sendo, como somos, membros de Jesus Cristo, pode-se dizer que Jesus Cristo padece em seus membros. Compreendamos o valor e o mérito dos trabalhos no cristianismo, pois todo fiel que os padece com paciência, com espírito e com um coração verdadeiramente cristão tem parte nos trabalhos de Jesus Cristo. Muito tíbia tem a fé o que olha com horror as adversidades e as cruzes. Nenhuma

coisa caracteriza melhor os cristãos. Muito estrangeiro é no país do cristianismo aquele a quem surpreende o muito que nele se padece. Não é a cruz um símbolo puramente especulativo e vazio. Se foi mister que Cristo padecesse para entrar na glória, não é possível que nós tenhamos parte nesta glória sem tê-la também no que padeceu para entrar nela. Para ser glorificados com ele, diz São Paulo, é necessário padecer com ele. Que ideia daremos de nossa religião, nem que prova de que desejamos salvar-nos, se pretendemos viver sempre entre regalos e delícias, ou se só padecemos contra toda a nossa vontade?

Se vos afrontarem por Jesus Cristo, sereis bem-aventurados. Si exprobramini in nomine Christi, beati eritis. Crê-se bem esta verdade hoje em dia? Aquelas pessoas tão delicadas em ponto de honra, tão sensíveis à mais ligeira afronta, tão difíceis em perdoar uma injúria, têm pela maior dita o ser menosprezadas? Em nossa religião sempre deve conformar-se a prática com a doutrina. Segundo este princípio, haverá no cristianismo muitos cristãos verdadeiros? E até aqueles mesmos que fazem profissão de devotos não podem temer que vão errados se abraçam outro sistema? *Comece o juízo pela casa de Deus: Incipiat judicium a domo Dei.* Nenhuma coisa injuria tanto a Jesus Cristo, nenhuma desacredita tanto a religião, nenhuma afeia nem mancha tanto a piedade como as sombras dos que estão destinados e propostos para ser tochas do mundo. O caráter, a dignidade, a profissão devem aproximar a cópia o mais possível do divino original. Ser discípulos de Jesus Cristo, ministros de Jesus Cristo e viver com uma enorme oposição às máximas de Jesus Cristo é irrisão, é impiedade, é sacrilégio. Mas, se Deus se mostra tão severo quando julga os de sua mesma casa, qual será sua severidade, qual seu rigor com os que se podem chamar estranhos e forasteiros nela, segundo o pouco que conhecem Jesus Cristo, segundo o pouco que gostam de suas máximas? Se o Senhor não perdoa a seus amados servos, que juízo tão terrível terá reservado para os ímpios? Ao justo purifica-o nesta vida com as adversidades; mas ao pecador reserva-lhe os suplícios eternos. Não há sinal mais visível da ira de Deus que deixar os maus não só sem castigar nesta vida seus pecados, mas que vivam cheios de glória e de opulência. O castigo mais terrível do pecador neste mundo é a prosperidade. Oh, quantos e quantas compreendem pouco esta doutrina! Ditosos do século, qual será vosso fim e vosso paradeiro? Se o justo apenas se salva; se a inocência alimentada com adversidades, purificada com o fogo da tribulação, defendida entre espinhos e sarças, apenas pode arribar ao porto e está em contínuo perigo de naufragar, sendo assim que sempre navega terra a terra, que será do pecador? Que será daqueles homens de prazeres, daquelas pessoas mundanas que se engolfam sempre em alto-mar, que navegam entre escolhos combatidos de ventos impetuosos, sem ver quase jamais o céu, sem velas, sem remos, sem leme? És pecador, vives na prosperidade, cheio de diversões, de gostos e de alegria, e estás tranquilo: compreende bem, se podes, os espantosos mistérios desta falsa segurança.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 12 de São João.

João 12,24-26

> **Latim:** [24] Amen, amen dico vobis, nisi granum frumenti cadens in terram, mortuum fuerit, [25] ipsum solum manet : si autem mortuum fuerit, multum fructum affert. Qui amat animam suam, perdet eam ; et qui odit animam suam in hoc mundo, in vitam æternam custodit eam. [26] Si quis mihi ministrat, me sequatur, et ubi sum ego, illic et minister meus erit. Si quis mihi ministraverit, honorificabit eum Pater meus.

Português: [24] Em verdade, em verdade vos digo, que se o grão de trigo, que cahe na terra, não morrer, [25] fica elle só: mas se elle morrer, produz muito fruto. O que ama a sua vida, perdella-ha: e o que aborrece a sua vida neste mundo, conservalla-ha para a vida eterna. [26] Se alguem me serve, siga-me: e onde eu estiver, estará alli tambem o que me serve. Se alguem me servir, meu Pai o honrará.

Meditação

Das ilusões da penitência na maior parte dos cristãos

Primeiro ponto

Considera que não há coisa mais sujeita a ilusões que a penitência dos cristãos imperfeitos e tíbios.

Suas paixões pouco mortificadas, seu amor-próprio sempre dominante, sua tibieza habitual: tudo concorre para enganá-los em ponto de penitência. A razão confessa os pecados e facilmente os condena; mas os motivos plausíveis e caprichosos da idade, do estado e da saúde pedem quartel quando se trata da satisfação. Por pecador e réu que um seja, o amor-próprio nunca renuncia a seus direitos. A fraqueza da vontade, ou por melhor dizer, da contrição, sempre se comunica até ao mesmo corpo. Para ofender a Deus todos estão robustos; mas, falando-se de fazer penitência, todos são achacosos; e, como o tribunal em que se há de sentenciar esta causa está ganho a favor da relaxação, sempre fica privilegiado o pecador e sai tão mitigada a pena que quase se vem a reduzir a nada. Aos pés do confessor tudo se promete; mas entram depois mil pretextos, todos a qual mais frívolos, para dispensar-se. Em vão se cansa o Senhor em ameaçar, em vão diz que o que não faça penitência perecerá: vêm os pretextos e tudo o asseguram, tudo o tranquilizam. Em vão declara a Igreja que a penitência deve ser proporcionada aos pecados; subornado o entendimento pelo coração, nunca lhe faltam interpretações: em vão dá gritos a consciência, porque apenas se a ouve. Está-se devendo muito à justiça de Deus, apenas se lhe paga nada; e, não obstante, vive-se com segurança!

Estremecem as penitências canônicas que em outro tempo tinha determinadas a Igreja para certos pecados: por um só pecado, sete anos de lágrimas, de humilhação e de penitência. O pecado não perdeu nada de sua enormidade, nem a Igreja de sua equidade e de seu zelo. Não é hoje mais

abundante do que era então o tesouro dos méritos e da satisfação de nosso Senhor Jesus Cristo, nem era então a Igreja menos amorosa mãe do que é agora. Pois pede acaso agora menos satisfação a divina Justiça? É mister, pois, que a satisfação supra a indulgência com que nos trata a Igreja. A penitência é igualmente castigo que remédio. Havemos de contentar-nos com uma leve penitência por um número excessivo de enormíssimos pecados? Há de buscar-se a suavidade no remédio quando se trata de curar-nos de uma enfermidade mortal? Certamente, ao considerar de quantos pecados somos réus e a pouca penitência que fazemos por eles, temos grande motivo para temer que havemos de morrer carregados com todas as nossas dívidas. Ah, e quanta verdade é que vivemos enganados e que há poucos verdadeiros penitentes!

Segundo ponto

Considera se a nobreza, se as dignidades, se as riquezas dispensam acaso os pecadores no rigor da penitência, à vista de serem tão poucos os nobres, tão poucos os ricos que não se creem legitimamente dispensados nisto de ser penitentes. Porque onde estão as mortificações da carne, onde os jejuns que acreditam sua penitência? Coisa estranha! As dignidades, os empregos mais lustrosos nem sempre são os que estão mais a coberto contra a desordem e a licença dos costumes. Raras vezes se acham juntas as riquezas com a inocência. A abundância fomenta o pecado; contudo, parece que a penitência só se fez para os pobres; apenas reina mais que nos claustros; e ainda dentro dos mesmos claustros os mais imperfeitos nem sempre são os mais penitentes nem os mais mortificados. Nós somos pecadores e a penitência não é de nosso gosto: pois, valha-me Deus!, quem nos assegura?

Meu Deus, que ilusão é imaginar que basta detestar o pecado sem castigar-se a si mesmo o pecador! Que contrição pode ser aquela que não vai acompanhada da satisfação, quando há tempo e forças para fazê-la? E será bastante satisfação para um número espantoso dos mais enormes pecados rezar umas breves orações e dar uma curtíssima esmola?

É certo que Jesus Cristo satisfez por nossas culpas; mas de que nos servirá sua satisfação se não no-la aplica? Será nossa penitência um fruto amargo e sem suco se não a unimos com sua paixão; mas com que se há de fazer esta união se recusamos padecer?

Quanto mais se viu em glória e quanto mais se entregou às delícias, tanto maiores tormentos lhe haveis de dar, diz o anjo no Apocalipse [^3]. E à vista disto não há de haver alguma medida, alguma proporção, alguma conveniência entre a ofensa e a satisfação, entre o delito e o castigo? Foste libertino desde a juventude, achas-te carregado de culpas, vês-te já como desgastado e consumido pela iniquidade: e qual é o rigor salutar da penitência? O jejum te espanta, as mortificações corporais te inquietam; tudo te faz dano à saúde, tudo te parece impraticável, é preciso recorrer à indulgência, à mitigação, aos arbítrios. Ah, Senhor, e isto será penitência!

Ilusão na delicadeza e nos pretextos da saúde; ilusão nas dispensas e nos motivos delas; ilusão no tempo que temos destinado para fazer penitência. É certo que a quaresma está singularmente destinada para chorar nossos pecados: mas hão de secar-se as lágrimas em acabando-se a quaresma? Somos porventura pecadores somente em certos tempos do ano? Havemos já pago a

Deus todas as nossas dívidas quando chega a Páscoa? Nossas paixões, nossa inclinação ao mal, nossos hábitos viciosos embotam-se ou apagam-se na primavera?

Pergunto: os santos, tão inocentes e tão famintos de mortificações, tão sedentos de penitências, alucinaram-se ou padeceram algum engano neste ponto? Pois choremos nós nossa ilusão. Vês que nos achamos já na declinação da vida; e qual tem sido até aqui nossa penitência? Este será o último ano para muitos dos que farão esta meditação; e, se fores tu um destes muitos, será grande teu consolo neste particular?

Ah, Senhor! Pois vos haveis dignado, por um grande efeito de vossa misericórdia, fazer-me conhecer minhas ilusões, assisti-me com vossa graça para que não difira por mais tempo o entregar-me à penitência. Sou pecador, detesto minhas culpas; não permitais que morra impenitente.

Jaculatórias

> *Fasciculus myrrhæ dilectus meus mihi.* Ct 1.

Não mais flores para mim, amado Salvador meu, que a amargura da mirra.

> *Quantum in deliciis fuit, tantum date ei tormentum et luctum.* Ap 18.

Justo é que, à medida do que me deleite, me mortifique e chore.

Propósitos

1. As ilusões do coração são mais difíceis de curar que as do entendimento. Desta espécie são as que se acham na penitência da maior parte dos cristãos: com que não é de admirar que persevere tão obstinado o erro em matéria de penitência. Conhece-se bem a desproporção que há entre a penitência e o pecado; mas que produz este conhecimento? Posta a razão de acordo com o amor-próprio, recorre aos pretextos. Talvez não haja matéria em que o entendimento seja mais fecundo em especiosas escapatórias que em eludir a indispensável obrigação e preceito de fazer penitência pelos pecados. Debilidade de saúde, delicadeza de compleição, importância dos empregos, circunstâncias da dignidade, diferença de estações, idade pouco madura ou também muito avançada, razões de condescendência: tudo serve de frívolos pretextos. Não incorras tu em tão lastimosos erros. Poucas ilusões há que sejam mais perniciosas e, no meio disso, poucas há que sejam mais comuns: acham nelas sua conveniência os sentidos, as paixões e o amor-próprio, e isto

é o que perpetua o erro. Aplica desde logo o remédio a tão grande mal. Que penitência fizeste até agora por teus pecados, ou que proporção há entre teus pecados e a penitência que fizeste? Não deixes para a outra vida as satisfações que deves por eles; castiga-os nesta, pois aqui se faz sempre em menos tempo e a menos custo. Não te persuadas de que depois da Páscoa já não é tempo de penitência; porque esta é fruta de todos os tempos. Não passe dia sem que faças alguma mortificação ou dês alguma esmola por teus pecados; e aplica pelo mesmo fim os trabalhos, penalidades e fadigas de teu emprego, de teu estado, como também todas as demais adversidades da vida. Por falta de reflexão perde-se muito do que se padece e fazem-se grandes penitências sem ser penitentes.

2. Consulta este ponto com um diretor zeloso, virtuoso e prudente: mas vê que os que lisonjeiam prejudicam. Tanto dano faz a demasiada indulgência como a excessiva severidade. É necessária a discrição nas penitências; mas cada um tem necessidade deste remédio. Considera hoje seriamente as que poderás fazer e as que algum dia te causará tanta dor o não haver feito. Quem te impedirá rezar todas as sextas-feiras os salmos penitenciais ou jejuar aos sábados? Desde hoje em diante cumpre como penitência a que te impõem na confissão; isto é, com toda aquela exatidão, com todo aquele fervor, respeito e contrição que pede esta parte do sacramento. Quando a oração, a esmola, o jejum são penitências ou satisfações sacramentais, devem fazer-se com muita piedade e devoção. As mortificações do corpo servem para fomentar a inocência e para satisfazer à divina Justiça pelos pecados. Não dês ouvidos a tua delicadeza e muito menos a tua repugnância; mas tampouco faças nada sem conselho e aprovação de teu confessor.

[^1]: O OCR traz «1022», data impossível: Gregório XV foi papa de 1621 a 1623. Corrigiu-se para 1622. [^2]: O OCR traz «Anidco»; trata-se provavelmente de Santo Amadeu, um dos sete fundadores dos servitas. A correção é conjetural. [^3]: No original há aqui uma chamada de nota, cujo texto não aparece na digitalização. A citação é de Apocalipse 18,7.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:47:15 by Admin
Updated 20 November 2026 20:47:15 by Admin